

Resumo

A Arquivística trata-se de uma área com desenvolvimento teórico recente, ainda que sua base técnica remonte o século XIX. Começam a ocorrer a partir dos anos de 1950, demarcados por uma atualização ideológica e política do Estado no desenvolvimento de arquivos e da área, uma série de desdobramentos teóricos-metodológicos. Busca-se com este artigo descrever elementos ideológicos e históricos do percurso de Arquivística, um fim de demarcar, como é corpo disciplinar-conceitual da área que é constituído para o campo científico-metodológico. Aborda-se da Arquivística por meio da análise, ora histórica, ora discursiva de teóricos da arquivística. Analisa-se textos fundamentais para o atual estágio de desenvolvimento da Arquivística. Discute-se a respeito da ampliação e da multiplicidade mais recente da teoria arquivística, calcando na trajetória em pesquisas realizadas a respeito da temática nos últimos 10 anos. Enquanto aporte metodológico fundamenta-se na análise da linguagem francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux e o conceito de formação discursiva, apropriado pela área de análise do discurso da obra de Michel Foucault, buscando construir uma análise discursiva da Arquivística. Assim, compreende-se a arquivística, como uma instância significativa e passível de análise buscam-se no seu passado e presente, reconhecer padrões e parâmetros epistemológicos .

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa; Arquivística; Documento; Epistemologia.

Abstract

The Archival Science is a field with recent theoretical developments, although its technical base dates back to the 19th century. They begin to operate from the 1950s, marked by an ideological and political update of the state in the development of archives and area. The aim of this article is to describe ideological and historical elements of the Archival Science discourse, an aim of demarcating, as it is disciplinary-conceptual of the area that is constituted for the scientific-methodological field. Archival Science is approached through discourse analysis, sometimes historical, sometimes discursive, of archival theorists. Fundamental texts are analyzed for the current stage of archival development. The most recent and multiplicity of archival theory is discussed, drawing on the trajectory of research on the subject in the last 10 years. And a methodological contribution used in the French discourse analysis developed by Michel Pêcheux and the concept of discursive formation, appropriated by the area of discourse analysis by the work of Michel Foucault, seeking to construct a discursive analysis of Archival Science. We understand an archival, as a significant and analyzable instance, seek in its past and present, recognize patterns and epistemological parameters.

Key-words: French Discourse Anylises; Archival Science; Document: Epistemology

Destaca-se que o texto ora apresentando, trata-se de memória das discussões realizadas em mesa-redonda que buscava discutir as relações entre a Arquivologia e a Linguagem no VIII Seminário de Saberes Arquivísticos promovido pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB) e pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB), em 2017.

A Arquivística historicamente desenvolveu-se por meio de saltos e mudanças atreladas ao desenvolvimento do estado moderno, das democracias e do direito de acesso a atuação do estado por parte do cidadão. Essas transformações, demarcaram, desde o início o estabelecimento da disciplina durante o século XIX, e que a rearranjaram na década de 1950, são fruto de mudanças na maneira pela qual a sociedade ocidental produz, usa, compartilha e compreende documentos administrativos, jurídicos, literários, dentre outros relacionados à esfera institucional dos arquivos, constroem-se a partir destes narrativas que legitimam posições, direitos, identidades, lembranças e esquecimentos.

Esses a parentes saltos de desenvolvimento e “evolução” sinalizam de algum modo, mudanças no universo de atuação do arquivista, em relação as técnicas, metodologias e abordagens. A exemplo disso, o aparecimento da administração científica no estado moderno irá levar a criação de formulários nos processos de produção, controle e gestão de documentos arquivísticos nos anos 1950. As mediações provocadas nos últimos 30 anos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no cotiando da prática documental, irão, não de forma naturalizada ou sem embates discursivos, a produção de textos que visam compreender estes fenômenos, como é o caso de autores como Hugh Tylor (1984, 1988), Terry Cook (1997, 2001a 2001b), Elizabeth Yakel (2010, 2011, 2005 e 2003) Richard Cox (1983, 2004 e 2005), dentre outros. Existe nestes autores se comprado com aqueles que constituíram a área até os anos 1980, uma mudança no campo das filiações e das formações discursivas. A medida em que as instituições modificaram a maneira como produzem e organizam seus documentos em um universo administrativo de uso massivo e irreversível de tecnologias multimídia.

Portanto, a arquivística tem buscado respostas para resolver os problemas do presente nos sistemas de gestão de documentos, pensando em diferentes modos de gestão e preservação de documentos no tempo atual.

Assim como em outros momentos, essas modificações são impostas de fora para dentro, no sentido de que, a arquivística, por suas próprias filiações na produção de sentido e interpretações a levam a isso.

Os três momentos bem marcados dessa assertiva, estão relacionados num primeiro momento a História, num segundo momento a administração e um terceiro momento a Ciência da Informação. (BARROS, 2013; BARROS, 2015).

Neste sentido a própria complexidade da realidade do estado moderno extrapola ao discurso da Arquivística, principalmente dos textos técnicos produzidos nos anos 1970 e 1980. A questão da vertiginosa revolução tecnológica que se faria presente, como é possível perceber em (TAYLOR, 1984, EASTWOOD, 1994, e COUTURE & ROUSSEAU, 1982), mas que os anos 1990 e 2000, não será compreendida deste modo, ocorrerá gradualmente mudanças nestes enunciados, ou seja, na prática discursiva.

Os anos 2000, marcaram uma mudança de terreno em relação aos arquivos e a sociedade, o desenvolvimento de plataformas de E-Governo, sistemas de recuperação e organização de

arquivos digitais e eletrônicos, ações normativas e normalizadores no âmbito da representação, organização e acesso aos arquivos. São respostas que mudam o cenários e formulações discursivas.

Trabalha-se, como em pesquisas anteriores por um viés discursivo, neste caso aqui, busca-se compreender e sistematizar o histórico recente da área, afim de reconhecer os padrões da área, e suas formulações discursivas. Vê-se claramente, duas formulações que se rebatem de forma conflituosa na prática discursiva arquivística: Tradicionalismo, vinculado a práticas enunciativas vinculadas a prova, a custódia, a preservação e do outro a perspectiva a aparentemente “pós-moderna”, enunciado questões vinculadas aos arquivos enquanto evidência do poder do estado na relação e produção de documentos de arquivo, o uso dos documentos para a construção social de identidade, dentre outros.

Vários autores destacam-se nestas perspectivas, em diferentes países tomando diferentes posições, porém, vinculando-se a questões semelhantes e sem uma cronologia descritiva, na medida em que o discurso não é cronológico, mas constrói-se numa relação de deslocamento e prolongamento. Justificativas do fim do século XIX emergem no século XXI.

Assim, a Arquivística e os arquivos são na atualidade uma área e instituições que estabelecem uma série de justaposições práticas e teóricas. Atravessados transversalmente por relações científico-profissionais, que refletiram e reinteraram em maior ou menor grau no desenvolvimento de métodos, políticas e técnicas relacionadas à aquisição, organização, seleção, difusão e acesso aos documentos arquivísticos.

Busca-se abordar neste artigo aspectos histórico-conceituais da arquivística por meio da análise, ora histórica, ora discursiva de teóricos da arquivística, baseando-se nos preceitos da análise do discurso pensada e promulgada por Michel Pêcheux. Num gesto de leitura que perpassa textos do início do século e textos recentemente publicados.

Discute-se a respeito da ampliação e da multiplicidade mais recente da teoria arquivística, não mais calcada em grandes manuais que buscam cobrir o assunto da teoria de tratamento de arquivos de maneira totalizante, mas de uma ótica da especialização dos arquivistas e de sua teoria, que ocorreu principalmente a partir de meados dos anos 2000.

A relevância do tema e abordagem consolidada no âmbito da linguística e encampada e bastante discutida no âmbito da Ciência da Informação, que tem produzido algumas reflexões caldas principalmente numa perspectiva arqueológica do discurso, justifica os resultados ora apresentados, uma vez que, trata-se de uma pesquisa de revisão teórica que visa constituir e sistematizar o percurso histórico da arquivística.

2 ANÁLISE DO DISCURSO: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS

A análise do discurso (doravante denominada AD) trata-se de um desdobramento teórico da efervescência filosófica, científica e política da França do final dos anos de 1960. Filia-se, portanto, aos estudos de discurso desenvolvidos por Michel Pêcheux e seus desdobramentos nos anos 1970 e 1980. A AD, desde seu início tratou-se de uma mudança de terreno em relação aos estudos da linguagem e da própria ideologia, suas filiações teóricas estão bem demarcadas entre o marxismo por meio do materialismo histórico, a linguística, por meio da teoria de enunciação e do

desenvolvimento de uma teoria própria filiada ao discurso, ou seja, trata-se acima de tudo de uma abordagem interdisciplinar e à esquerda do espectro político, mas não limitada a isso.

Tem-se desenvolvido uma trajetória de pesquisa nos últimos 12 anos estudando aspectos constituintes e norteadores da Arquivística por intermédio da análise do discurso enquanto um procedimento de pesquisa e mais recentemente, a organização do conhecimento e Ciência da Informação.

Para a análise do discurso a produção textual funciona como um objeto de inscrição do discurso e da ideologia, o discurso é então um espaço aberto, que parte da língua, já que a materialidade é o texto e é atravessado pela ideologia, circunscrito por sua própria história. Na literatura sobre Análise do Discurso é possível encontrar, atrelada ao conceito de discurso, a metáfora que relaciona o discurso com uma rede de sentidos que se transformam em um tecido discursivo. (BARROS, 2015).

Em Ferreira (2007, p.19), a relação metafórica é assim exposta:

A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não todo, esse sistema abre lugar para o não sistêmico e o não representável.

O objeto da AD não é a língua em si ou suas produções. O discurso necessita dos elementos linguísticos, implicações uma exterioridade à língua. Ele tem reflexo no texto, mas envolve questões que vão além do âmbito linguístico, neste caso seus aspectos ideológicos e sociais a que as palavras remetem quando são escritas ou faladas. (BARROS, 2015).

Existindo, então “furos” no texto que remetem a sua construção social, ideológica, histórica, interpelados pela ideologia e pelo subconsciente. Por isso, pode-se dizer que o discurso é a “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2007, p.15)

Henry (1997, p.38) relata: “Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico. [...] Uma noção de ‘formação discursiva’ que tem alguns pontos em comum”

A noção de formação discursiva, como uma instância superior ao próprio discurso do texto, faz-se fundamental em nossa análise, a medida que os textos, sempre se remetem a sua exterioridade, discursiva e ideológica. Orlandi (2007, p. 43) esclarece o seu funcionamento:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. [...] deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

A formação discursiva constitui-se então como um espaço, do que pode ser dito em relação a um determinado “discurso”, ou seja, o seu universo de formulação e de sua prática, assim as palavras não tem sentido nelas mesmas, seu sentido será determinado por instâncias, psíquicas,

ideológicas, sociais a compreensão de enunciado e a produção de sentido, não se dá na estrutura, mas no acontecimento.

Afim de exemplificar a perspectiva, compreende-se aqui a *Arquivística* e os arquivos enquanto um espaço discursivo, optou-se no início desta sentença, chamar de *Arquivística* e não de *arquivologia* e com letra maiúscula, o nome da área do conhecimento que trabalha com os arquivos. Essa opção se dá por uma vertente e uma perspectiva própria em relação a terminologia da disciplina dos arquivos e da compreensão de que nomes de disciplinas e ciências em textos acadêmicos devem-se ser sempre maiúscula, filia-se por tanto a determinadas formações discursivas em relação à arquivística e a própria ciência. Isso corre de forma consciente ou não. Neste caso estase falando do esquecimento nº 1 e nº 2. Estudar as minúcias enunciativas e seus desdobramentos, pressupõe, então, um trabalho profundo de análise e interpretação por parte do analista.

Analisar o discurso pressupõe um trabalho do analista, isto é: definir e delimitar objeto que será analisado, dentro de uma gama ampla e de uma infinidade de textos possíveis. Para se analisar um discurso, é necessária a construção de um corpus de análise. “O analista do discurso não é uma pessoa neutra. Nunca. [...] Ele deve, igualmente, construir um observatório para si” (MAZIÈRE, 2007, p.23).

Portanto, é necessário que o analista tenha uma posição crítica em relação ao objeto que analisa e que por meio de sua tomada de decisão em relação a análise ele pode privilegiar uma posição em relação a outra e que ele deve deixar claro suas posições em relação ao que analisa.

Pecheux e Fruchs em seu célebre texto de 1975 que atualiza a análise automática do discurso, sintetizam os procedimentos para uma (possível) análise do discurso, do seguinte modo:

Superfície linguística: entendida no sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um “discurso” concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 [inconsciente] e 2 [consciente], na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária de uma dupla ilusão;

- Objeto discursivo: entendido como o resultado de transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente dessuperficializado, produzido por uma análise linguística que visa anular a ilusão nº2;
- Processo discursivo: entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Este acesso ao processo discursivo é obtido por uma dessintagmatização que incide na zona de ilusão–esquecimento nº1. (PECHEUX & FUCHS, p.180, 1975)

A AD por intermédio de sua abordagem visa, desnudar a atuação da ideologia, esquecimento número 2, retirando do texto, por meio da teoria da enunciação, a parente naturalização presente nas produções textuais e por fim por meio da teoria do discurso, trabalhar a questão da sessintagmatização e chegar ao centro destes esquecimentos que é subconsciente.

Análise do discurso ficará por meio desse texto conhecida como uma teoria não subjetiva do sujeito, a medida que busca nos textos desvendar as relações entre as ideologias, as instituições e os sujeitos. Cabe-se aqui então clarificar que é essa justamente a posição que visou-se ao longo

da trajetória de pesquisa, desnudar ao menos as relações entre os textos técnicos científicos e sua historicidade e ideologia. Filiando-se, portanto a matriz francesa em análise do discurso, calcado fortemente nos estudos de Pêcheux sobre discurso .

3 A ARQUIVÍSTICA MODERNA E DOS MANUAIS

A preocupação com o percurso histórico da Arquivística e seus primeiros momentos, não é de hoje. Vários autores de diferentes países trabalharam com a temática, como Terry Cook (1997), Tom Nesmith (2002) Brien Brothman (1999, 2002, 2006) Angélica Marques (2007, 2011) Natália Tognoli (2010), Verne Harris (1996, 2002) dentre outros.

Desde meados de 2008 trabalha-se com a questão da arquivística e sua constituição por meio dos manuais em trabalhos como nos textos: BARROS & MORAES, 2009, BARROS & MORAES, 2010, BARROS, 2013 dentre outros. Neste sentido, têm sido uma preocupação central de pesquisa a arquivística e sua constituição.

Nestes estudos, fica claro a questão que, a revelia de alguns teóricos, a Arquivística enquanto prática profissional moderna irá desenvolver-se a partir da Revolução Francesa, fazendo parte de uma mudança profunda na sociedade ocidental, visto que o antigo regime colonial e monárquico foi sendo substituído, a partir do aparecimento de movimentos que buscavam autonomia esta será a primeira grande mudança que irá influenciar a criação e aparecimento de arquivos nacionais por toda Europa ao logo do século XVII e XIX (BARROS, 2013)

Nesse sentido, a Revolução Francesa, foi momento marcante na mudança da estrutura social no mundo ocidental, pois provocou alterações em toda a estrutura social do ocidente e, dentre os efeitos da revolução, relacionados à autonomia e ideologia relacionada a democracia moderna, está o estabelecimento do acesso dos cidadãos (homens, letrados e eruditos) aos documentos públicos, neste primeiro momento, relacionado aos documentos do antigo regime e medievais, que neste caso seriam os documentos a serem tratados e trabalhados pelos arquivistas-historiadores. (BARROS, 2013)

Evidentemente que existiram antecedentes à Revolução Francesa e o estabelecimento dos Arquivos Nacionais, mas a partir desta ação que se instaura os arquivos como um espaço público, iniciando o desenvolvimento de métodos para a organização e acesso a esses documentos. (BARROS, 2013)

Assim, essa perspectiva inicial irá de algum modo na trajetória da arquivista até 2017, aparecer ou ser refutada em um ato de deslocamento ou prolongamento. Constituindo assim aspectos norteadores e centrais das formações discursivas a qual a arquivística se vincula.

Neste nosso gesto de leitura, sem prologar-se numa trajetória cronológica, analisaremos alguns enunciados. Vinculados a realidade do século XIX e a questão do prolongamento das formulações discursivas. Encontramos na obra de Hillary Jenkinson, arquivista inglês do *public record office*, que atuou por mais de 30 anos com a preservação e organização de arquivos do início do século XX até meados os anos 1940. Em um uma carta endereçada a um colega:

A carreira Arquivística é um serviço. Ele existe para manter a ordem e tornar o trabalho de outras pessoas possível... Seu credo, a santidade da prova, sua tarefa, a conservação de pedaços de Prova unidos aos documentos sob sua guarda; ele tem o objetivo de fornecer, sem prejuízo ou reflexão tardia, para todos aqueles que desejam conhecer os caminhos do

conhecimento... O bom arquivista é talvez o mais altruísta devoto a Verdade que o mundo moderno produz. (DAVIS apud COOK, p. 1997 p.23, tradução nossa)

Em seu livro mais importante e um marco para a Arquivística “Se pela história e evolução da transmissão dos arquivos fomos capazes de qualquer coisa, nos devemos deixar claro que a única base correta para o Arranjo é a exposição dos objetos administrativos que o arquivo originalmente serviu;” (JENKINSON, 1922, p.80, tradução e grifo nossa) e por fim, “[...]A qualidade de arquivo só permanece intacta enquanto se mantém a forma e as relações naturais” (JENKINSON, 1922, p.110, tradução nossa)

Nestas três citações de períodos distintos, uma de meados nos anos 1940 e outras duas do início dos anos de 1920, vemos uma mesma posição que irá propagar-se por toda a trajetória do discurso arquivístico, vinculado a questão da guarda, custódia e ao caráter probatório do documento arquivístico.

Pensando no texto já destacado de Pecheux e Fuchs (1975) construiu-se dois quadros para efetuarmos a análise dos enunciados selecionados, esses foram selecionados justamente pela importância que eles se colocam em relação a uma série de vínculos enunciativos aos arquivos e a Arquivística, após os quadros fecha-se a análise.

Quadro 1: Análise discursiva de Jenkinson de 1949

Enunciação/superfície-linguística
A carreira Arquivística é um serviço. Ele existe para manter a ordem e tornar o trabalho de outras pessoas possível... Seu credo, a santidade da prova, sua tarefa, a conservação de pedaços de Prova unidos aos documentos sob sua guarda; ele tem o objetivo de fornecer, sem prejuízo ou reflexão tardia, para todos aqueles que desejam conhecer os caminhos do conhecimento... O bom arquivista é talvez o mais altruísta devoto a Verdade que o mundo moderno produz. (DAVIS apud COOK, p. 1997 p.23, tradução nossa)
Esquecimento nº2 /paráfrases
<p>“Manter a ordem” - “trabalho de outras pessoas” “conservação” “provas” “documentos sob sua guarda” “devoto da Verdade”</p> <p>O arquivista é passivo e possibilita o trabalho de outras pessoas, sua atividade está relacionada a guarda, custódia de provas, que constituem documentos sob sua guarda, sendo o mesmo um devoto da verdade.</p>
Discurso/ Esquecimento nº1
Existe no âmbito deste objeto discursivo uma filiação a formações discursivas muito latentes e profundas no âmbito da compreensão da natureza dos arquivos, o arquivista, um assistente da Verdade histórica, os devotos da “Verdade” – “Manter a ordem”, do outro lado existe uma compreensão muito clara em relação a natureza do própria instituição arquivística “provas” “guarda de provas – e da- verdade. Ambas formulações estão vinculado a ideia de Estado e Nação desenvolvida no século XIX, e mais ainda, ao próprio dispositivo científico.

Fonte: elaboração do próprio autor, 2017.

Quadro 2: análise discursiva de Jenkinson de 1922

Enunciações/superfície-linguística
Se pela história e evolução da transmissão dos arquivos fomos capazes de qualquer coisa, nos devemos deixar claro que a única base correta para o Arranjo é a exposição dos objetos administrativos que o arquivo originalmente serviu;” (JENKINSON, 1922, p.80, tradução e grifo nossa) “[...]A qualidade de arquivo só permanece intacta enquanto se mantem a forma e as relações naturais” (JENKINSON, 1922, p.110, tradução nossa)
Esquecimento nº2 /paráfrases
“única base correta” “ história e evolução dos arquivos” “Arranjo” “qualidade do arquivo” “intacta” “relações naturais” A organização de arquivos por meio das ordem original é a única base correta, já que, pela história dos arquivos e por sua qualidade é o único modo dos mesmo se manterem intactos respeitando suas relações naturais.
Discurso/ Esquecimento nº1
Fundamenta-se tecnicamente a visão em relação aos arquivos, o arquivista enquanto um servidor dos buscadores da Verdade, deve respeitar toda ordem de valores atribuídos não por ele, porque esse é neutro, mas pelo Estado que produziu os documentos, respeitando as relações naturalizadas em relação a produção, acesso e uso dos documentos. Neste sentido, tem-se claramente as formações constitutivas da própria disciplina arquivística: os arquivos a serviço do poder do estado e de sua manutenção.

Fonte: elaboração do próprio autor, 2017.

Baseando-se nos enunciados e nos quadros é possível construir algumas considerações a respeito da arquivística e suas formações discursivas, os arquivos estão fundamentalmente relacionado a uma visão de estado. Este Estado produz e mantém posições ideológicas, que são legitimada por meio dos documentos de arquivo e pela própria Arquivística. O discurso da arquivística está atrelado a instituição que condiciona seu aparecimento – o Estado – e é por meio dele que a teoria se constrói e legitima. Aos enunciados em si, vê-se claramente a prática e matriz de sentido no âmbito dos arquivos, do arquivista e da Arquivística.

Estas formações, estão vinculadas a questão patrimonial, ao serviço do arquivista enquanto um custodiador e guardião, a história e memória e ao desenvolvimento das ciências do século XIX.

Uma perspectiva de prolongamento até os dias atuais, esse discurso de redesenha, remonta e se repete.

4 A ARQUIVÍSTICA PÓS-MODERNA

As décadas de 1990 e 2000 representam um momento diferente para a arquivística, na medida em que os documentos eletrônicos começam a tomar a cena e os arquivistas percebem a

necessidade de revisão e redefinição das políticas e métodos aplicados aos documentos tradicionais e aos recém-criados documentos eletrônicos. (BARROS, 2013)

Existe ao redor do globo uma diversificação e uma pluralização das obras voltadas não só para as questões relacionadas aos documentos eletrônicos, mas à revisão, ora sob uma perspectiva de prolongamento, ora sob uma perspectiva de deslocamento a respeito do papel dos arquivistas, dos arquivos e da organização, avaliação e uso dos mesmos e um incremento a formação de arquivistas. (BARROS, 2013)

No cenário latino-americano, os anos 1990 e os anos 2000 representam o aparecimento e aumento de instituições arquivísticas, da profissionalização dos arquivistas e dos cursos universitários voltados ao ensino e pesquisa acerca da teoria e práticas arquivísticas, principalmente no Brasil. (BARROS, 2013)

A Arquivística, enquanto área profissional e carreira universitária, foi deixada de lado, devido em grande parte às características antidemocráticas e autoritárias do governo brasileiro, como aponta Jardim (1995 e 1999) ao longo de sua bibliografia, que culminaram com uma falta de incentivo político e financeiro. (BARROS, 2013)

As mudanças provocada em relação ao estado e em relação a produção, transmissão e uso de documentos de arquivo provocou mudanças e deslocamentos no âmbito das formulações discursivas da arquivística.

Existiu a partir este cenário uma renovação em relação ao próprio discurso da arquivística em uma perspectiva que convencionou-se chamar de “pós-moderna” por uma contraposição a perspectiva moderna de Arquivística (BARROS, 2015)

Neste sentido, a fim de ilustrar essa a parente renovação, vamos nos debruçar em obra dois capítulos da obra *Currents of Archival Thinking* publicada em 2010, obra organizada por Terry Eastwood e Hether MacNiel, recentemente traduzida para o português pela editoria da Universidade Federal de Minas Gerais e desde então tem sido referenciada e citada em textos brasileiros, obra que pela próprio título visa discutir correntes recentes do pensamento arquivístico.

Trabalhou-se com os dois primeiros capítulos da primeira seção dividida como fundações, que pelos próprios títulos dos capítulos já são enunciados desta perspectiva em si mesmos. Construiu-se dois quadros, retirando dois enunciados de cada capítulo. São eles Cap 1 *A contested realm; The nature of archives and the orientation of Archival Science*. Cap 2. *Origins: Evolving ideas about the Principle of Provenance*

Quadro 3: análise discursiva de Terry Eastwood 2010

Enunciações/superfície-linguística
“O reino contestado: a natureza dos arquivos e a orientação da Arquivística” (2010, p.3) “Na segunda metade do século vinte e até este século, complexos e profundos desenvolvimentos ocorreram com as tecnologias de ensino, administração, informação e comunicação e a sociedade em geral fez um impacto sem precedentes nas instituições arquivísticas, o papel que cumprem em sociedades contemporâneas e as expectativas colocada nas mesmas. Estes desenvolvimentos proveram a renovação em muitos conceitos arquivísticos, métodos e práticas. (2010, 10, tradução nossa)
Esquecimento nº2 /paráfrases
“Contestado”

<p>“natureza dos arquivos” “ complexos e profundos desenvolvimentos” “tecnologias de ensino, administração, informação e comunicação” “impacto sem precedentes” “Estes desenvolvimento proveram renovação”</p> <p>O próprio título do capítulo é um enunciado passível de análise, ao longo do texto comenta-se as questões modernas e pós-modernas como fundamentos para a mudança e o deslocamento. Fala-se em natureza dos arquivos e as mudanças tecnológicas como um condicionante para renovação teórica.</p>
<p>Discurso/ Esquecimento nº1</p> <p>Tem-se como justificativa para a renovação dos conceitos o imperativo tecnológico, vinculando-se a formações discursivas comum a todas as ciências sociais no pós anos 1960. Impacto sem precedentes das tecnologias, leva a renovação teórica. Não existe ruptura a passagem de um discurso para o outro corre de forma naturalizada e institucionalizada. O estado, como ponto central – destacando essa assertiva no próprio texto.</p>

Fonte: elaboração do próprio autor, 2017.

Quadro 4: análise discursiva de Jennifer Douglas 2010

<p>Enunciações/superfície-linguística</p> <p>“(Arquivistas) Seus esforços para expandir os limites do princípio de proveniência tem um potencial positivo para encorajar uma compreensão mais inclusiva nos vários contextos que impactam em um fundo de arquivo no decorrer do tempo, contudo, algum cuidado é salutar” (2010, p.37, tradução nossa)</p> <p>“[...] pós-modernismo é a metanarrativa que informa o debate sobre o princípio e a discussão sobre suas potencialidades e limitações; no futuro podemos esperar mais mudanças, como os arquivos reagem e respondem aos desvios das tendências intelectuais, para o que eles descobrirem “no ar”. (2010, p.39, tradução nossa)</p>
<p>Esquecimento nº2 /paráfrases</p> <p>“expandir os limites” “potencial positivo” “compreensão mais inclusiva” “cuidado é salutar” “esperar mais mudanças” “desvios das tendências” “descobrirem no ar”</p> <p>Trata-se de um texto que visa discutir os desdobramentos recentes do princípio da proveniência, discutindo a questão da proveniência social e das múltiplas proveniências. Varias coisas chamam a atenção nos enunciados, expandir limites, compreensão inclusiva, cuidado, desvios das tendências, dentre outros fatos.</p>
<p>Discurso/ Esquecimento nº1</p> <p>O discurso formula-se como tantos outros em textos dos últimos 15 anos da área de Arquivística:</p>

entre o velho e o novo, entre a segurança de princípios compreendidos como sólidos e sua solidez sendo questionada. O dito e não dito deste texto caminham no silêncio existente na própria falta de consenso na área.

Fonte: elaboração do próprio autor, 2017.

Estas enunciações mais recentes buscam na medida do possível evidenciar abordagens que até os anos 1970 não eram possíveis. A prática discursiva, enquanto um conceito central para a compreensão dos acontecimentos discursivos nos auxilia neste momento. Só estamos questionando princípios hoje, porque nos é imposto, não por uma sociedade, mas pela própria atuação do Estado em relação a produção de documentos. O passado e o presente da disciplina confundem-se num gesto de prolongamento e deslocamento, enquanto de um lado busca-se de forma positiva estabelecer regras, do outro, caminha-se na linha entre quebrá-las e reconstruí-las por meio de novos discursos.

O que apresentou-se aqui é uma reflexão possível que sem a rigidez cronológica, conta um pouco da história dos arquivos e da Arquivística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquivística, em relação aos suas técnicas e abordagens sempre esteve atrelada a as limitações e progressos do próprio Estado. Viu-se de forma panorâmica duas perspectivas que convivem no palco teórico-científico da área.

A redefinição de princípios, o redesenho de metodologias é fundamental para o crescimento da área como um todo, mas também é preciso compreender e conhecer os caminhos que nos levaram até aqui.

A Análise do Discurso, apresenta um arcabouço conceitual importante e interessante para pesquisas voltadas não só para aspectos teóricos da disciplina, mas também aqueles práticos e da esfera profissional.

Os arquivos ocupam uma posição privilegiada na atualidade, especialmente nos países emergentes e recentemente redemocratizados, como o Brasil e África do Sul, dentre outros, que podem, sob a égide do percurso recente da Arquivística, apresentar novas maneiras de dar acesso e legitimar os direitos recentemente adquiridos por essas sociedades.

No Brasil a área viu na última década um crescimento sem precedente. Apresentou-se considerações a respeito da Arquivística, por um viés majoritariamente discursivo, num gesto de leitura, de tantos outros possíveis sobre o passado e o presente da disciplina.

Abordagens linguísticas a Arquivística podem contribuir de maneira significativa na sistematização de seu histórico, abordagens e perspectivas técnicas profissionais.

Nosso corpus de análise, o arquivo da Arquivística será sempre fundamental, já que amplia perspectivas. O passado e o presente de como a Arquivística fundamentou-se, reitera a importância da profissão não só para a construção da identidade ou da memória de um determinado grupo ou nação, mas alerta sobre os percursos nem sempre tão claros, do discurso relacionado a organização e teoria dos arquivos.

REFERÊNCIAS

BARROS, T. H. B. Os Arquivos, A Arquivística e o Discurso: alguns marcos históricos e conceituais **Informação Arquivística**, v.1 n. 2, 2013 p.135-157

BARROS, T. H. B. Por uma arqueologia da arquivística: elementos históricos de sua constituição **Informação Arquivística**, v.2 n. 3, 2014 p.6-28.

BARROS, T. H. B., MORAES, J. B. E. From archives to archival science: elements for a discursive construction In: GNOLI, C. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in Knowledge Organization**, Würzburg: ERGON, 2010, p.388-404.

BARROS, T. H. B. **Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso**: Inflexões histórico-conceituais. 1. ed. São Paulo: Ed da Unesp, 2015.

BARROS, T.H.B.; MORAES, J.B.E. A construção discursiva em Arquivística: aspectos culturais e ideológicos. In: Nuria Lloret Romero. (Org.). **Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento**. 1.ed. Valência: Ed. Universidad Politécnica de Valencia, 2009, v. 1, p. 499-512.

BROTHMAN, B. Declining Derrida: Integrity, tensegrity and the preservation of archives from deconstruction. Archivaria, n. 48, p.64-85, Fall 1999.

BROTHMAN, B Archives, life cycles, and death wishes: a helical model of record formation. **Archivaria**, n.61. p.235-69, Spring 2006.

BROTHMAN, B Afterglow: conceptions of record and evidence in archival discourse. Archival Science, v.2, n.3-4, p.311-42, 2002.

COOK, T. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. **Archivaria**, v. 43, p. 18-63, Spring 1997.

COOK, T. Fashionable Nonsense or professional rebirth: postmodernism and practices of archives. **Archivaria**, v. 51, spring, p. 14-35, 2001a

COOK, T. Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. **Ar-chival Science**, vol. 1, n. 1, p 3-24, 2001b

COX, R.J. American archival history: its development, needs, and opportunities. **American Archivist**, v.46, n.1, p.31-41, 1983.

COX, R.J. Lester J. Cappon and the relationship of history, archives, and scholarship in the golden age of archival theory. **American Archivist**, v.68, n.1, p.74-112, 2005.

COX, R.J. **No Innocent Deposits: Forming Archives by Rethinking Appraisal**, N.J: Scarecrow Press, 2004.

COUTURE, C. ROUSSEAU, J.-Y. **Les archives au XXe siècle. Une réponse aux besoins de l'administration et de la recherche**. Montréal, Université de Montréal, Service des archives/ Secrétariat général, 1982,

DOUGLAS, J. Origins: evolving ideas about the principle of provenance. In: MacNel, H. Eastwood, T(eds) **Currents of Archival Thinking**, *Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010. Cap 2. p.23-44.*

DUFF, W.; HARRIS, V. Stories and names: Archival description as narrating records and constructing meanings. **Archival Science**, n.2, p. 263-285, 2002

EASTWOOD, T. A contested realm: the nature of archives and the orientation of archival science In: MacNel, H. Eastwood, T(eds) **Currents of Archival Thinking**, *Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010. Cap 1. p.03-21.*

EASTWOOD, T. What is archival theory and why is it important? **Archivaria**, v. 37, p.122-130, 1994.

FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da análise do discurso no Brasil um breve perâmbulo. In: FERREIRA, M.C.L.; INDURSKY, F. (orgs.). **Michel Pêcheux e Análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007. Cap. 1, p. 13-22.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-36

JARDIM, J.M. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: Ed. da UFF, 1995.

JARDIM, J.M.; FONSECA, O.M. **A Formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Ed. da UFF, 1999.

JENKINSON, H. Selected writings of Sir Hilary Jenkinson. **Gloucester: Alan Sutton, [1949] 1980.**

JENKINSON, H. A manual of archive administration: including the problems of war archives and archive making. **Oxford: The Clarendon Press, 1922.**

MARQUES, A.A.C. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil**. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARQUES, A.A.C. **Interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no brasil**. 2011. 399 f. Tese (Doutorado) - Programa De Pós-graduação Em Ciência da informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

NESMITH, T. Seeing Archives: Postmodernism and the Changing Intellectual Place of Archives **American Archivist** v.50 , p 90-132, Spring/Summer, 2002.

ORLANDI, P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997e, p.163-252.

Harris, V. Redefining archives in South Africa: public archives and society in transition, 1990–1996. **Archivaria**, 42.p 30-60

TAYLOR, H. Information ecology and the archives of the 1980s. **Archivaria**, n.18, p. 25-37, Summer 1984.

TAYLOR, H. My very act and deed: some reflections on the role of textual records in the conduct of affairs. **American Archivist**, v.51, n.4, p. 456-69, Fall 1988.

TAYLOR, H. Recycling the future: the archivist in the age of ecology. **Archivaria**, n. 35, p. 203-13, Spring 1993.

TOGNOLI, N. B. **A contribuição epistemológica canadense para a construção da Arquivística Contemporânea**. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

YAKEL, E. at all The Development, Testing, and Evaluation of the Archival Metrics Toolkits, **American Archivist** v.73.n. 2. p. 569-599, 2010

YAKEL, E. at all Significant properties as contextual metadata, **Journal of Library Metadata** v.11 n.3-4 p. 155-165, 2011

YAKEL, E. at all Are We There Yet? Professionalism and the Development of an Archival Core Curriculum in the United States, **Journal of Education for Library and Information Science** v. 46 n.2. p.110-150, 2005

YAKEL, E. Archival Representation. **Archival Science**, n. 3, p. 1-25, 2003.